

QUINTA-FEIRA
Lisboa --22 de Dezembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi lido pela Comissao de Censura

83



sempre
fiVe semanario
humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

PRESENTES



— Queres uma espada, um tambor, uma espingarda, uma corneta, soldados de enuubo?
— Tudo isso me deu já no ano passado. O que eu queria agora era brinquedos mais praticos: construcções para eu morar, uma maternidade a funcionar, um manicomio em ponto grande, estradas sem buracos, ruas arranjadas, etc. Não leva nada disto ahi no cesto?



Os ditos da semana



A moda masculina vai tomando proporções assustadoras. O dandy cedeu o lugar ao janota. Os rapazes já não são elegantes porque são ridículos e o dandy ridículo é o janota nacional.

A fazenda que se está gastando num par de calças, chega à vontade para um reposteiro de salão nobre. mas, em compensação, a que se despende nos casacos, não chegava para os fundilhos dos nossos avós.

A moda não exige essa mascarada de clowns que para ahí se vê.

Os homens vestem-se de maneira que, a distancia, se confundem com as mulheres: as mesmas saias largas a dar a dar, as mesmas côres ber-rantes ds espantar pardais e os mesmos ares, os mesmos ademanes de donzelas pudibundas.

Os rapazinhos do nosso tempo adotaram uma moda que lhes vai a caracter, porque se é certo que os povos tem os governos que merecem, não é menos certo também que a nossa juventude tem a moda que merece.

E o que é verdadeiramente apavorante, é verificar-se que se está criando uma geração de tios.

O leitor não compreende decerto esta alusão, mas o *Sempre Fixe*, que explica tudo, vai pôr os pontos nos i i contadno uma historia.

Certo pensador francez foi um dia passar o verão para as propriedades dum amigo da Bretanha, onde teve por companheiras, quatro raparigas tão formosas como ingenuas e tão estouvadas como medrosas, que eram também hospedes da casa. Sahiram as pequenas um dia à caça das borboletas pela quinta, mas, passados momentos, voltaram correndo, espavoridas, tomadas de panico e gritando:

—Ai que horror! Encontramos uma manada de touros no caminho. Que susto que nós tivemos.

Touros? replicou o pensador. Não me parece que haja touros nesta propriedade. Em todo o caso vamos lá ver onde é que eles estão.

E sahiram todos, não sem que as raparigas tivessem mostrado os seus receios, por se exporem, mais uma vez, a um perigo tão grande.

—Lá estão eles, veja o senhor, ali, junto daquelas arvores. E o pensador pôz-se a rir perdidamente, clamando:

—Mas aquilo não são touros, minhas filhas, são apenas bois.

Diante desta explicação incompreensivel, as pequenas ficaram assombradas e perplexas.

—Mas então expique-nos lá, disse uma delas, qual é a diferença que ha entre touros e bois.

Embaraçado o pensador, coçou no alto da cabeça, como a espevitar uma ideia, e saiu se assim da dificuldade:

—Olhem, minhas meninas, os touros são pais, e os bois são tios...

Ora, presadissimos leitores, esses rapazinhos de calças de balão, também não são mais do que tios...



A *Arte de furtar*, que já deu um livro, ainda chega bem para um tratado de filosofia, além de que dá assunto de sobra para cem paginas de um dicionário de sinónimos.

Furtar, furta-se um pão quando se tem fome e vai-se para a cadeia. Roubar, rouba-se uma fortuna, falsificando um testamento, ou um milhar de bilhetes de tesouro e vai-se para Paris gosar a herança, ou para um Banco respectivamente.

Tudo o mais, que represente tirar o que é dos outros tem nomes bonitos, circumloquios eufemisticos. Chama-se-lhe adeantamento, alcance, desvio, abuso de confiança, soco na gaveta, fazer quatro, cinco, nove nada, fazer mão baixa, etc.

O adeantamento é chic. Dá tom. Quem se adianta dá provas de intelligencia e pode ser aproveitado para qualquer serviço que requeira argucia e finura. O adeantamento não é incompativel com o chapéu alto e as boas maneiras. O desvio é uma maneira distincta da gente se apossar do que é alheio, e

até o roubado se sente lisongeado com a partida, porque o desvio é o roubo cometido com delicadeza.

O abuso de confiança, atesta o bom coração do roubado. Confiou e ficou sem o que era seu. Era uma alma pura, sem malicia. Deixou-se ir na fita e diz todo o consolado:

—Para mim toda a gente é honesta. Fiquei sem o que era meu, mas na minha consciencia não entram maus pensamentos.

Só o conto do vigario é porco, porque havendo duas pessoas com a intenção de se roubarem mutuamente, apenas uma fica roubada. Quando se chegar a perfeição de ficarem ambas roubadas, acaba-se o conto do vigario, porque ninguem gosta de cuspir para o ar.

Ladrões são só aqueles que assaltam o viandante numa estrada, que é a forma classica do roubo.

E não talamos, por hoje, naqueles que roubam vendendo por cem o que lhes custa dez. Esses também tem um nome, que não entrou, por enquanto, nas tais cem paginas do dicionario de sinónimos.



Um alemão descobriu finalmente o motu-continuo. Trata-se de uma caranguejola, com rodas dentadas que, uma vez posta a andar, nunca mais pára, a não ser que se dê cabo de toda a maquina.

E estivemos tantos seculos à espera do maravilhoso invento, sem dar conta que o tinhamos cá em casa, tão completo e perfeito como este que acaba de ser descoberto. Tinhamos o motu continuo das revoluções encadeadas umas nas outras, como rodas dentadas, e não dávamos por isso. Pobres patetas que eramos, não viamos que não havia maneira de acabar com as revoluções, sem escangalhar toda esta traquitana, e que tinhamos inventado o motu-continuo sem saber.

E pelos modos, a nossa maquina ainda é mais perfeita do que a do alemão, porque não consta que ele lucte com dificuldades para arrebentar o aparelho e nós, por mais que façamos, não somos capazes de dar cabo disto, o que, insofismavelmente, significa que o nosso motu ainda é mais continuo do que o do alemão.

João Verdades

ou as mentiras da decadencia do humorismo



O romance de maior... circulação em Portugal. Apesar de «trepitante», o éxito alcançado foi firme como uma rocha. Eis duas verdades que João Idem dispensa ouvir, mas que «Sempre Fixe» regista entusiasticamente

BOM HUMOR

Entre pai e filho:

—Que nota tiveste em historia?

—5.

—E em Geografia?

—7.

—E em desenho?

—4.

—E em literatura?

—Perdi o ano por faltas.

—Perfeitamente! Deves ser um excelente critico de arte...

Ela:—Disseram-me que voçê se dá agora muito bem com sua mulher?

Ele:—Absolutamente. Desde que nos divorciámos, vivemos no melhor dos mundos...

No tribunal:

O reu, depois de ter ouvido o delegado do ministerio publico:—Estou disposto a pagar a minha divida á sociedade; mas quero um recibo em forma...

Ela:—Estou muito triste. O meu pai acaba de ficar arruinado.

Ele:—Mas que grande tratantel! Faz tudo para impedir o nosso casamento...

Num escritorio de informações:

Ela:—E' a menina que presta informes?

—Sou, sim, minha senhora!

—Podia-me dizer se o meu chapéu está no contrario?...

Na rua:

—Esta mala é sua, minha senhora?

—Hein!... Quanto é que ela tem dentro?

Ela:—Se eu fosse rica, Gastão, gostava de mim?

Ele:—Não sei! Do que podes estar certa é que me casaria contigo...

No tribunal:

—Ha um mês que o reu se casou e já bate na sua mulher... Bem... Tem que sofrer um mês de cadeia...

—Sr. juiz! Tenha dó de mim! Não queira perturbar a minha lua de mel...

Ela:—José está muito orgulhoso de me ter por amante...

A amiga:—Tambem nunca vi homem tão enfatuado como o teu...

—O senhor segue a carreira de medico?

—Sim, minha senhora. Sou empregado numa agencia funeraria...



—Tu crês que seja agouro casar á terça-feira?

—Pois decerto. Porque havia de haver uma repressão?

Tragedia curta

A força das posturas

Espiridião Gonçalves é um conquistador especializado em conquistas vulgares de mero acaso, como ele proprio o diz.

Bom vestido, rosto irreprensivelmente barbeado, os sapatos lustrosos, brilhantes, e com o nó da gravata num apuro de elegancia, Espiridião calcuaria a cidade, diariamente, á procura duns olhos fascinantes e dum bem lançado corpo que o lance, acto continuo, nas fadigas das preseguições amorosas.

Todos os dias Espiridião aumenta o rol das suas aventuras e assim foi que lhe surgiu ultimamente uma morena chie com uns olhos negros que o entonteceram. Seguiu-a com as cautelas exigidas neste genero de sport e foi patenteando-lhe, com frases apaixonadas, a impressão produzida no seu espirito pelos encantos fisicos de que era dotada.

Mas a morena não parecia ligar-lhe muita importancia: seguia o seu destino, impassivel perante a perseguição que a assediava, o que não fez, de maneira nenhuma, desanimar Espiridião, habituado como estava ás recusas primitivas que antecediam sempre as victorias finais. Aquilo era o costume. Para que esmorecer, pois?

Foram sempre seguindo até que a dama, aconando a um electrico que passava, para ele subiu, indo sentar-se num banco para dois passageiros, unico que havia desocupado no carro. Espiridião, sem se atrapalhar, subiu igualmente e foi ocupar o lugar vago, ao lado da sua perseguida, mudo e quêdo que nem um penêdo, embora os seus olhares traduzissem duma maneira impressionante a tempestade amorosa que lhe ia no intimo.

A morena mexia-se, contorcia-se, mostrava-se enfadada com a presença importuna de Espiridião, até que, num dado momento e depois de ter passado a vista sobre uma das vidra-

ças do carro, se levantou e, ante a estupefacção e curiosidade dos passageiros, se dirigiu ao condutor, exclamando e apontando o nosso homem:

—O' sr. empregado. Faz favor de pôr lá fóra aquele senhor!

—?!...

—E' que não pode transitar no carro, em virtude da postura da Camara...

—Mas porque é que a senhora diz isso?

—E' que este senhor, ha pouco, quando me seguia, declarou-me que ia com o coração ferido e lavava uma chaga na alma. Ora, segundo uma das alineas dessa postura, não podem transitar nos carros as pessoas portadoras de feridas, chagas, etc...

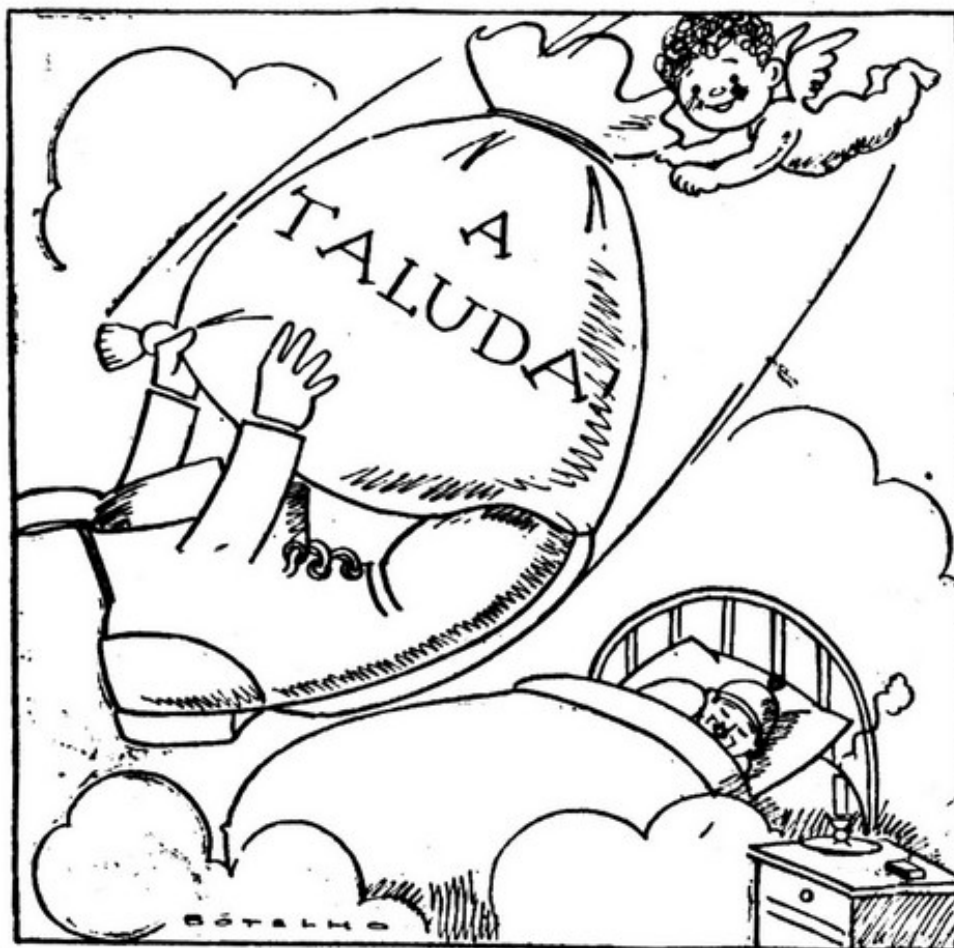
O condutor olhava-a desconfiado, mas, em face do seu tom autoritario e em virtude dela ter invocado a postura municipal, dirigiu-se ao Espiridião e convidou-o a apear-se. Este levantou-se e, muito calmo, redarguiu:

—Eu saio já, mas esta senhora apeia-se tambem porque, em igual respeito pela posturasinha, na sua alinea f), não é permitida a entrada nos carros a pessoas que transportem cães ou outros animais. Ora, cães não sei se essa senhora os trás, mas aquela raposa que lhe serve de abafio não deixa, com certeza, de ser considerada animal, e, além disso, da mala daquella senhora, evola-se um perfume que entonteco e gera dôres de cabeça, que incomoda, enfim, o que é tambem previsto pela alinea e) da minha postura.

Espiridião saiu do electrico, mas saiu tambem a dama que dele se quizera esquivar com o recurso do carro.

E como Cupido é traiçoeiro, deve, a estas horas, estar a juntar, sorrindo, mais uma pagina no livro volumoso das suas glorias faceis...

T. les Copio.



Que pena ser um pesadelo!

CANÇÃO NACIONAL

FADO DA ESTAMPILHA

Mote

Hoje é vulgar o invento,
quando o governo quer 'still
p'ra erigir um monumento,
o Zé lumber a estampilha.

Glosas

A maior consolação,
p'r'a bilis eliminar,
é um tipo saber dar
uma estampilha co'a mão...
E' já velha esta função,
num desforço de momento,
dar um estalo ou dar um tento,
mesmo que faça doer,
que esta coisa do lumber,
hoje, é vulgar o invento.

Teve o inicio por 'selencia,
que não fica nada mal,
a da estatua do Pombal
e depois a da Assistencia.
Mas já cheira a impertinencia,
p'r'arranjarem massa em pilha,
servirem-se da presilha
da nossa lingua que as cole.
E o Zé Povo que se amole
quando o governo quer 'stilha.

P'r'uns quadrados de papel,
vês surgir a cada canto,
devido a um magico encanto,
lindas obras de cinzel.
Afinal, quem tudo impel',
a pedra, a cal e o cimento,
ninguem põe no pensamento
de que a grande iniciativa
tenha por base a saliva
p'r'a erigir um monumento.

Com este achado perfeito
e nesta ordem de ideias,
has-de regetar sem peias,
a questão é cuspo e geito...
Terás venturas a oito
e a vida uma maravilha,
que um futuro rebrilha,
tal qual o outro que diz:
que é salvação do país
o Zé lumber a estampilha.

Reporter B.

AS MELHORES CEIAS

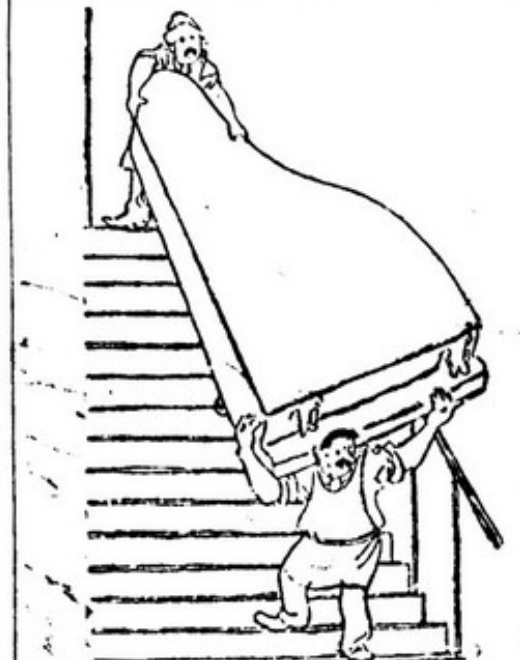
são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582) & Estefania)



—Isto é um abuso! E eu que sempre me declarei partidaria da musica ligeira...

DIZ-SE

que está em voga o Alvaro Maia, feito agora arbitro das elegancias...

— que no meio dos desenhadores se pergunta constantemente quem é o Cacilhas Negreiros...

— que se vai solicitar a protecção do Conselho do Jogo para a instituição «O Bife de Artes»...

— que o Fernando Pereira sempre vai aprofundar a cantar...

— que, por falta de concorrência, vai ser encerrado o balneario do Sindicato da Imprensa...

— que o Eduardo Frias está fazendo um volume intitulado «Frias sem mestre, em 14 lições»...

— que o secretario do Apolo vai tirar o *brevet* de actor...

— que ha já uma comissão organizada para lhe comprar um pára-que-das...

— que o Correia da Costa vai ser nomeado adido... ao *bureau* internacional das Cosinhas Economicas...

— que continua concorrida a exposição do verso do Sevilha...

— que ao Nascimento Fernandes lhe deram em Faro com o *Moca*...

— que a Judith Marques forrou o camarim e o dinheiro...

— que alguém disse noutro dia: — «Gosto do Alfredo Henriques. Mas mais gostaria se ele cantasse sem calça e sem pernas»...



— Sou capaz de suicidar-me para provar que te amo!
— Não sejas tolo! Compra-me antes um par de sapatos...

DA GERAL

«O Crime do Casino»

Não por mim, mas para evitar conflitos com o *Sempre Fixe*, desta data em diante deixarei de me referir humoristicamente ás interpretações. Não quero de fôrma alguma ferir susceptibilidades meramente pessoais seja de quem fór. De resto, já todos sabem que, em Portugal, a critica não pode ser imparcial, talvez pela simples razão de vivermos num país onde ha pouco talento e muita vaidade...
E, como a minha pena não faz fretes a ninguem, tomo esta resolução por a julgar sensata.

* * *

Realizou-se ha dias o julgamento dos autores do *Crime do Casino*. A sala da audiencia, no Gimmasio, estava cheia duma selecta assistencia, na qual predominava o elemento feminino, sempre ávido de sensações fortes e de escandalo. O tribunal estava assim constituído: juiz, o gerente Jorge Grave; delegado do ministerio publico, a imprensa; accusação particular, um certo critico; defesa, dr. Ramada Curto; jurados, os espectadores.

Os reus confessaram o cometimento do crime hediondo que, se fôsse transplantado para o teatro, seria visto desta fôrma:

Palmira Bastos, no primeiro acto, repreende o marido, Alexandre de Azevedo, pelo facto dele consentir que o filho seja um *ramboia*. O Alexandre, com um vidro de relógio no olho, pede desculpa e chama Dr. Silveira ao José... Móra não sei em que rua. Aurora Dubini, casada em oitavas nupcias com o Silveira, mostra á plateia um leque de penas de crocodilo. O Tarquinio Vieira, que parece pai da D. Palmira, faz o papel de seu filho, porque infelizmente a companhia não tinha crianças disponiveis. A certa altura, entra o Noronha e Albuquerque, que eu supunha ter sido morto pelo Reinaldo Ferreira, e ameaça fazer uma campanha contra a Constança e contra todos os criticos, se ela se recusar a aceitar as suas propostas de amor serodio. A Constança promete mandar-lhe a resposta para a posta restante. Entra depois a Maria Judice da Costa, que, no plenissimo direito que tem toda a sogra, insulta o Alexandre e diz á gente que ele tem a mania das grandezas. Em seguida, aparece o Jorge Grave, mascarado de S. Pedro. Insulta a irmã e vai-se embora. E, como o primeiro acto só serviu para nos apresentarem os artistas da companhia, a D. Pal-

mira vem avisar-nos de que a peça continua.

No segundo acto, D. Palmira diz ao Albuquerque ter nascido ainda criança e que tinha por ele uma paixão prehistorica. E conta-lhe o ramadissimo curto drama da sua vida. Eis não quando, entra a Constança e o Tarquinio, ela com um molho de hortaliça na mão e ele com uma forte paixão na algibeira das calças. Converse-se e em seguida vai tudo fingir que almoça. O Albuquerque tambem vai, mas, antes, diz á gente que está prestes a ter mulher, cama, mesa e roupa lavada.

Quando menos se espera, descobre-se que o Alexandre tem uma mulher de ouro americano, que abriu falencia á esposa e que era amante da sogra!! Ha homens levados do demonio! E depois de ter confessado isto tudo, diz ao publico que só lhe resta ir á America. A familia vem a saber a enorme vergonha e arma-se ali um grande sarilho. Desata tudo a chorar e o Tarquinio Vieira pede um pacote de rebuçados.

No terceiro acto, a paixão da D. Palmira pelo Albuquerque aumenta assustadoramente e atinge o auge quando a Constança a vem avisar de que já descobriu um homem em segunda mão, susceptivel de a consolar nos momentos mais agudos da carestia da vida. Um telegrama anuncia que a Maria Judice se suicidou, atirando-se da ponte sobre o Tejo. Reaparece o cínico Alexandre de Azevedo, com o caquinho no olho direito. Diz á D. Palmira que a arruinou e participa-lhe que vai num bote. Ela deseja-lhe feliz viagem e promete-lhe que de futuro aceitará os galanteios da pessoa que em tempos lhe enviou a carta que tem emoldurada no seu gabinete vestilo W. C. Azevedo sai, mas, antes, afirma perentoriamente que, na America, organizará uma companhia de peles vermelhas e ás riscas pretas e brancas. O Albuquerque, assim que soube da falta de dinheiro da D. Palmira, confessou cinicamente que não era sua intenção alugar predios que ameaçassem ruina. Palmira de Medeiros Bastos põe-no no olho da rua e abraça-se ao Tarquinio e á Constança.

Findo o julgamento, foi lida a sentença, que absolveu os reus. O dr. Ramada Curto, advogado de defesa, foi eumprimentadissimo pela fôrma brilhante como se conservou calado durante a audiencia.

Recix.



Causa perdida

Sob a accusação de pretender concorrer com o Banco de Portugal num novo aumento de circulação fiduciária, foi convidado a hospedar-se no antigo Palacio do Conde de Andeiro um illustre falsificador a quem apenas faltava o não sê-lo para ser considerado uma pessoa de bem.

Chamado o advogado—uma sumidade do fóro—encarregou-o o grande «artista» da defesa, com a promessa de boa remuneração, caso pudesse devolvê-lo á liberdade.

—Mas você falsificou ou não as notas?

—Oh! sr. doutor! Pode v. ex.ª crer que está na frente dum homem honrado.

—Pois então não se apoquente, que você vem para a rua. Seria esta a primeira causa que eu perdia!

Organizado o processo e corridos todos os tramites e mais embrulhadas legais, transitou ele, com o inocente falsificador, para o tribunal.

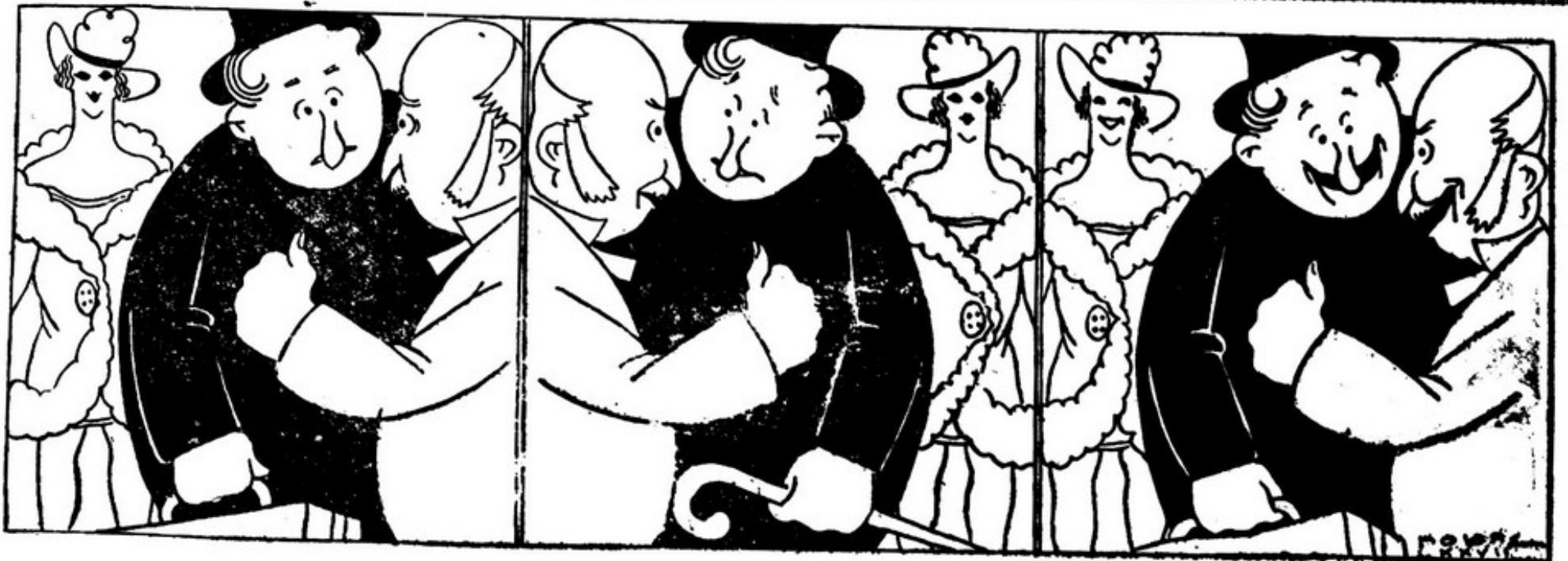
Tudo se conjugava para o accusar, mas, depois de todas as descomposturas entre a accusação e a defesa, tão bem se houve esta, com tais argumentos soube provar a inocencia e respectiva honestidade do seu constituinte, que conseguiu fazê-lo absolver, com a sua honra completamente ilibada.

Com a maior prontidão e para não desmentir a sua apregoada seriedade, depois dos agradecimentos respectivos, ficou o brilhante trabalho do advogado imensamente bem pago.

Passados dias é que o douto juriconsulto viu que tinha perdido a sua primeira causal!

Era preso por passador de notas falsas, pois nessas o seu «honesto» cliente lhe pagara!...

Sortes grandes?
só o FINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



— Ha de desculpar-me... mas...
— Mas o quê?
— O meu hotel é dos mais sérios desta terra, e eu não posso receber hospedes que não sejam da maior respeitabilidade.

— Bem sei.
— Pois então bem vê... Essa senhora que o acompanha esteve aqui m setembro com um individuo. Dizia-se sua mulher... Um mez depois...

... voltou com outro... De modo que desta vez...
— Desta vez, interrompe o viajante a abanar a cabeça, esteja descançado. Desta vez sou o verdadeiro marido!

Cine-Fixe O " Sempre Fixe, mete o nariz

Matinée das quintas-feiras

Este film português, —verás, leitor— tem três partes e incita industrias e artes, cada qual por sua vez.

São as festas da semana, qual delas a mais faceta, todas elas dumca cana p'r'atreir o Lisboa.

A semana dos artistas, semana d'ourivesaria, fasmacópéos congressistas, todos querem dar nas vistas.

Com papas e chá de filia, eis um film nacional, junto á festa da familia, p'ra festejar o Natal.

... ..
«A 2.ª parte segue imediatamente.»

Se o congresso boticario baixasse o preço á linhaça e apar'cesse no preçario remedios quasi de graça...

Então, sim, que era um congresso! Mas, por ter 'spinhas e esquirolas, verão subir logo o preço do borato e mais das pirulas...

E então a ourivesaria na tal semana catita?... Se tambem tem prataria, não é d'asneira uma fita!

Eu achatava-lhes o béque nos tempos que vão correndo... com um festejo estupendo: Semana de p'chisbéque...

Mas semana das felizes, que não sei porque me impel', deve ser a das actrizes, se forem bom no papel.

Mal eu tope a Satanela em qualquer loja a vender, dou tudo p'r'uma olhadela sem o Amarante saber...

Compro á Auzenda, p'la atitude que lho é tão peculiar, o elixir da juventude, que ela usa em particular.

... ..
Ficarei sem uma de X e assim morrerai mais que felis.

FIM
Reporter B.

PREVIDENCIA



—Morreu alguma pessoa da tua familia?
—Não, mas o medico afirmou que minha sogra morreria por toda esta semana...

no Manicomio Miguel Bombarda onde ha doidos... com juizo!

Visitei ontem o Manicomio Miguel Bombarda. Antes das grandes festas de Carnaval, estava naturalmente indicada a visita aos homens de juizo...

A's 10 horas, o jornalista subia a alameda e entrou rescluto no jardim de Ribaflores, onde as proprias flores respiram tristesa. Numa asafama, os enfermeiros correm para os pavilhões. Estes são comodos, com amplas janelas rasgadas até ao tecto. Porém, o Ivinho dispensa a comodidade dos almofadados...

Abre-se a porta do gabinete do director do Manicomio. E' um lindo interior, cheio de recordações; mobiliario antigo e fotografias fixando períodos: a de Miguel Bombarda fere a retina, suggestiva!

Quando me sentei, tive a impressão de recuar no tempo; senti-me levado para dias idos...

Do Sempre Fixe, não é verdade?— pergunta-me o enfermeiro.

—Sim. Vim para nos dizer alguma coisa acerca dos aspectos da miseria social.

—Um dos mais graves aspectos — confirma o homem da bata branca, enxugando a roçada fronte.—Quoira seguir-me, e então verá... As palavras, neste caso, nada valem.

E naquela mansão de insânia, atravessámos um interminavel corredor, e balneario, uma successão de portas e subimos, por fim, uma escada em caracol.

—Aqui estão instalados os que pagam. São pensionistas. Esse que ahi vem, o Rei Preto, é um alucinado. Tem a mania de que é um chefe politico e já matou, não direi o bicho, mas dois homens por suposta perseguição.

—E agora?

—Está muito melhor. Só toca viola, o instrumento da sua melhor feição... A viola e a Fernanda cantadeira, que se embedda como qualquer carroceiro. Tambem cá está, na enfermaria das mulheres.

O doente abeira-se, então, de nós.

—Como vai essa politiquice?— perguntei.

—Vai boa, felizmente. Penitencio-

me dalgumas asneiras que fis noutros tempos, é verdade; mas, quem as não fas com juizo?

Fiquei parvo, confesso.

E o doente prosegue, tratando-me com toda a familiaridade:

—Estes ares aqui são pesados. Não me agradam. Olha, tu sabes... em ultima instancia, arranja-se para banheiro. Sei que é facil conseguis-lo e lugar. Diabo! Eu pago a um homem que venha substituir-me, por exemplo, o Zé Pesca. Ele não se importa de abandonar a Aldeia dos Manceiros, onde o alcool, a nabica e os tomates são disputados com sofreguidão... Aqui vive-se menos mal... obrigado!

Ri—sem vontade de rir.

Mais adiante deparei com outros doentes. Ha uma Guilhermina que fas cançonetas; uma Ofélia que recita versos do Almada Negreiros e uma Jójó que suspira por cocaína. Uma perfeita doidice.

* * *

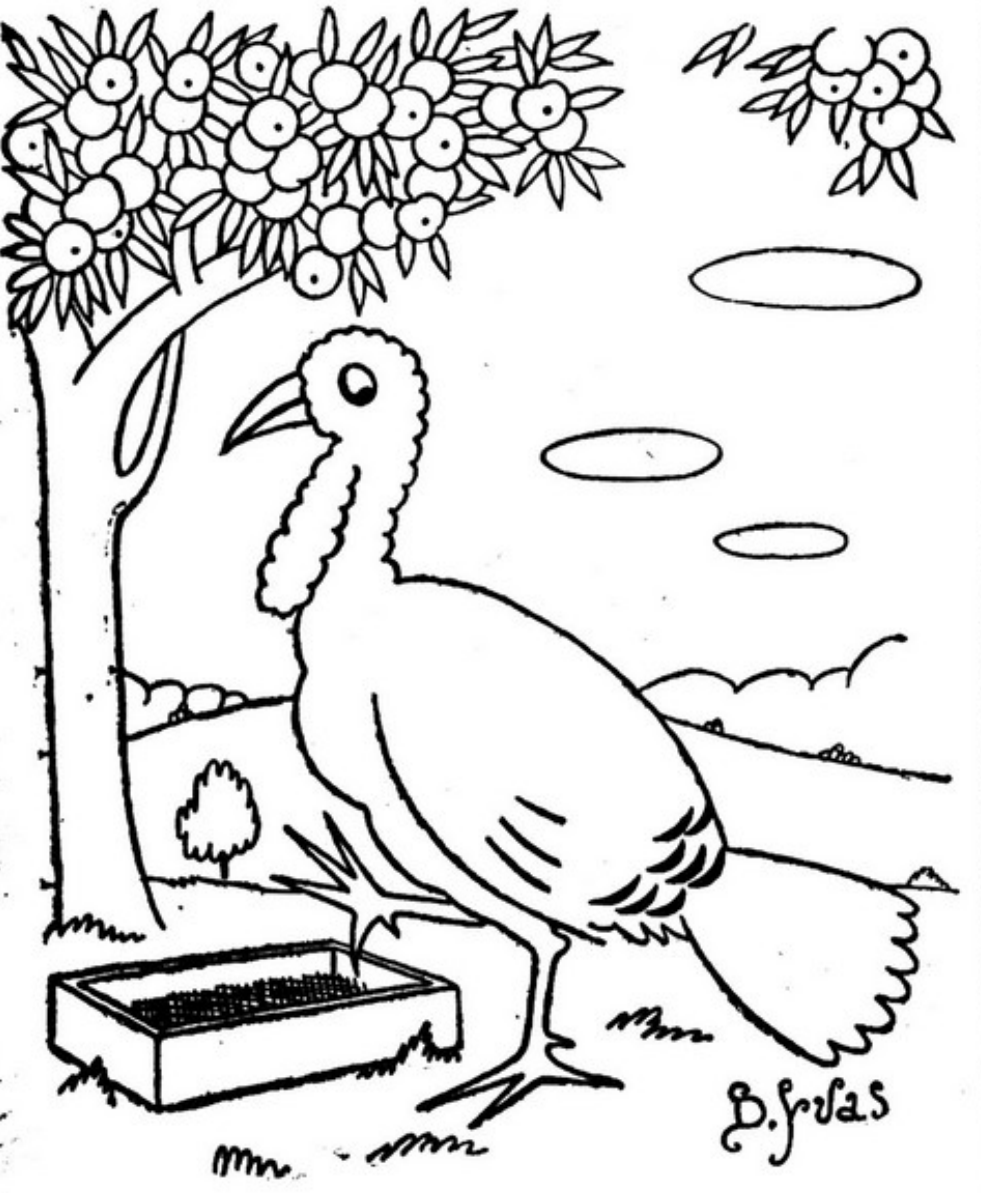
Encontrei-me, minutos depois, no museu do Manicomio. Ali vi de tudo: plantas de dirigiveis e de habitações nos polos, vestuarios de palha tecida, coróas de lata e papelão, mapas de países misteriosos, etc. Dir-se-hia que andava por lá o dedo de algum categorizado futurista...

Prendeu-me, por vezes, a atenção alguns desenhos incontestavelmente bem feitos, designadamente os de aguarela, a pastel e a oleo. A Ovis dos Apostolos, que lembra, muito de longe, pelo primitivo desenho e pelos tons desmaiados, os quadros biblicos de Pavis de Chavagnes, vê-se que é feito por um artista incógnito—mas com mais talento e juizo do que certos pinta-monos que eu conheço!

Noutro muro veem-se numerosas gouaches do falecido Angelo de Lima, pintor este que foi subsidiado pela ex-rainha D. Amelia.

Saí do Manicomio dolorosamente impressionado. Cá fóra, respirei a plenos pulmões, que a vida é menos sombria e o ar mais puro. Ou não?

Ivinho.



O peru—E' preferivel ser peru a ser homem, porque ao menos a nós só nos comem nestes dias do ano.

Elevador da Gloria

Os verdadeiros amigos são para as occasões. E' por isso que Soares, em todas as emergencias dificeis da sua vida, me procura para e aconselhar e encaminhar. Soares é de ambições limitadas. Ne lar nunca passou do primeiro fillo, na repartição nunca passou de segunda official e na vida é o mais Soares que se pode ser. Com todas as letras—cinco letras fatidicas, que lhe dão volta ao miolo, não stanando com os motivos porque a paternidade o deitou ao mundo—engeitando-o com um apelido vulgar, mas caricato.

Soares transporta ha quarenta anos uma alma bem formada. Acredita piamente o que se passa em Cantão e noutras cidades do mundo, só porque ficam muito longe... Os grandes acontecimentos nacionais enchem-no de capitoso jubilo. Promete á familia: —Se isto assim, assim, se dér, já sabem: vamos ao teatro...

Escusado sorá dizer que madame Soares e fillo ha muito que não sabem o que se representa nos casas do espectaculos.

Soares procurou-me esta manhã. Fez-se anunciar por uma carta: «José David, engrazador. Deseja boas festas a V. Ex.ª e a sua familia.»

Li em voz alta. A criada imediatamente fez-me sentir a sua presença, de rosto já denunciada pela essencia concentrada de refugado que evaporava, protestando:

—«Então o sr. Soares anda a meter-se no meu serviço! Quem dá graxa ao patrão sou eu e ele é que quer a gorgota!»

Soares entrou aflito. Tinha dado pelo engano. Pediu desculpa á servicial e atacou-me logo:

—Imagina! E' exactamente esta embrulhada de cartões que aqui me traz. Já hoje recebi dez: da parteira que ha dez anos serviu a minha esposa, do barbeiro com quem cortei relações por me ter cortado a cara, do jornaleiro que nunca leva o jornal do meu partido, do porteiro que tem uma velha e irritante questão com a cadela lá da casa... —Basta, Soares!

—Lá estás tu a brincar. Ainda isto não é tudo. Tenho já, em pequenas fracções, um bilhete da lotaria. E o pior é que não me sai nada.

—Quem sabe? São 4.500 contos!

—Por isso mesmo. Quatro e cinco nove, noves fóra—nada.

Ante esta operação, declarei-me vencido. Soares limpou a fronte augusta e imaculada e disse-me:

—Que hei de fazer para satisfazer tantos pedidos?

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

PRECOCIDADE



—Minha mãe não consente u namoro. Dis que ainda sou muito nova.
—Sim? Pois diz-lhe que ela já é velha demais...

TRANSFORMAÇÕES DA EPOCA

A mulher a mudar-se...

O «humor» é uma especial, inigualável disposição do temperamento britânico. Cá, para a maioría, só obtem tradução na graça, na chalça e em todas as restantes, inúmeras, cambiantes, grosseas, do dito lusitano. Ha, para o caso, de se sor muito turba, pois esse sentimento tem por força de cuidar do numeroso, se quizer atingir os resultados da jocosidade, mas sem leveza sempre...

Lá, no momento romanesco, nada deixa a desejar aos que apreciam e se deleitam na feminilidade. Não é um riso: é uma coisa antes; não é o sorriso: é um precedente dessa afloração; não é um fim: é o perfume dum passatempo espiritual...

E como o leitor não poderá ir tão longe, veja aqui o obtido numa leitura do londrino David Granett, que se mete no inverosímil—o que é apropriado tratando-se de mulher—com tanta precisão como um homem rastreador nas recordações as mais autenticas da sua vida. Além d'isso, ele semeia todo de encantadoras puerilidades—que também não ficam mal no reino das mulheres—, e, sem se dar ares de ir ao amago dos incidentes, ataca de passagem, contenas de problemas importantes, como quem não quer a coisa.

Como no tempo tudo são metamorfoses, ele também muda a dama: *A Mulher transformada em Raposa*. Um lord, muito apaixonado por sua esposa, vê de repente abeirar-se d'ele uma raposinha, que lhe faz compreender a infelicidade que lhe aconteceu. O excelente marido não abandona a sua mulher assim animalizada; conserva-a bem junto do seu corpo. O autor mostra-nos a animalidade destruindo gradualmente o que, a principio, havia de humano na mulher-raposa, até ao dia em que ela foge para os bosques, para partilhar da vida e dos amores dos seus novos congéneres e onde é morta por um caçador. Ela morre nos braços do seu fiel marido desesperado.

Estão a vêr o que realmente é: põham os símbolos nos personagens e os ornatos nos desenhos lineares. Verdadeira raposa, a mulher...

Amilo transformava-as em pécoras, em cabras, e aos homens em bodes e outros quadrúpedes de bons chifres,—isto sem citar outros autores, que ainda mais os tem retorcido. São conhecidas na vida as histórias dessas transformações femininas, como a mulher mudando-se para raposa. Para serpente e outros reptis. Portanto, a transformação na essencia não oferece realmente novidade alguma, pois desde o Paraizo, onde appareceu a ninfa e o primeiro fauno de cabeça enfeitada, as mudanças se dão... Sem ser preciso ir aos bosques!

Ainda ha pouco tempo, o sr. Borrego, voltando a casa precipitadamente, encontrou a senhora sua mulher transformada em gatinha no colo do seu querido socio Bonifacio. Só ella se assanhou ao vê-lo... E foi elle só que fez m...

José PARREIRA.

O encanto da admiração



—Vou ter que jogar pelo moio, da rua fóra.

A NOVELA DO "FIXE"

AS GLANDULAS DE MACACO

Pancrácio levava uma vida cheia de restrições mesquinhas e miseráveis.

Como funcionario publico, o ordenado mal lhe chegava para pagar a pensão e ir, duas ou três vezes por ano, dar um passeio nos arredores da cidade. E sózinho, nas trevas do seu quarto, scismava:

—Ha de vir um dia em que ou tenha uma *conduite*, assinatura no Tivoli e lantus ceias no Mayer. Decididamente, um dia gosarei todos estes luxos.

Não seria certamente como funcionario que Pancrácio esperava vir a ser senhor de tantas riquezas.

Todas as semanas, Pancrácio ia visitar um tio septuagenario, que cada vez lhe parecia mais perto da cova. E sonhava:

—Logo que o meu tio morra, que prazeres, que folia louca...

No passado domingo, lá foi Pancrácio visitar o tio, saltitante e alegre, dizendo com os seus botões:

—Quem me dera encontrá-lo já morto!

E, para lhe adoçar a boca nos ultimos momentos, levava-lhe umas trouxas d'ovos; para o querido tio tomar como um viático, á hora da morte. Mas, nesse dia, o tio estava bem disposto e disse-lhe:

—Que pensas tu acerca da enxertia das glandulas de macaco? Não achas que, com a bela fortuna que eu possuo, conseguirei que o afamado dr. Voronoff m'as enxerte?

Pancrácio teve um arrepio. Uma angustia inquietante amareleceu o seu rosto alvar. E, gaguejando, respondeu:

—E' uma operação muito perigosa, a que a sua idade não pode resistir!

—Pois eu estou tentado a fazê-la e com certeza que, se conseguir livrar-me da velhice, ainda posso vir a conhecer a felicidade...

Passou-se uma semana. Chegou o dia do descanso dominical e Pancrácio, como de costume, dirigiu-se a casa do tio.

O tio estava um rapaz! Pancrácio, lívido, emudecera, mas o tio, sorridente, disse-lhe:

—Admiravel, não achas? Deu ou não resultado a enxertia das glandulas?

—Deu, deu sim, meu tio!—diz o sobrinho com ar contristado.

Sairam juntos, indo passear ao Jardim Zoologico.

Lá, na alleia dos macacos, a alegria dos simios comunicou-se ao tio de Pancrácio que, feliz de se sentir rejuvenescido, saltou para cima de uma arvore, com uma ligeireza admiravel, fazendo as mais arriscadas acrobacias.

Pancrácio, horas depois do regresso, ouviu cheio de pasmo o tio dizer-lhe:

—Meu caro sobrinho, eu sinto, desde que rejuvenesci, que me seria impossivel viver mais em Lisboa. Eu vou amanhã, no Angola para a Africa, onde me vou dedicar á exploração das florestas virgens.

Um vislumbre de esperança entrou na alma de Pancrácio, pela quasi certeza de que o tio morreria vítima das garras dum tigre ou da mordedura dum reptil venenoso. Mas, ao fim de dois meses, Pancrácio recebeu uma carta do tio, que começava assim:

«Espero, meu caro sobrinho, que tu não recusarás ser o padrinho dum macaquinho muito hilariante que não só se assemelha muito contigo, como tem também todas as características da nossa familia...»

Ao lêr isto, perdidas as esperanças da herança, Pancrácio caiu desmaiado no chão e começou a sentir macaquinhos no sotão.

Elmano de Lago.



—Porque será que tua mãe não gosta de ir a este cinema?

—Porque tem as cadeiras muito estreitas e não se podem sentar duas pessoas na mesma cadeira...

A proposito de Ruth Elder

O bom espirito francês

Ruth Elder, essa americana gentil que ha pouco esteve em Lisboa, deu ocasião a ser mais uma vez posto á prova o bom espirito francês.

Assim, certo jornal parisiense contava noutro dia:

«Quando miss Ruth Elder e o seu companheiro aterraram no Bourget, nessa mesma tarde, foi-lhes oferecido um banquete.

No decorrer dos discursos, um jovem official, usando da palavra, falou com uma certa dificuldade sobre a aviação feminina. E a certa altura disse:

«—E' preciso não esquecer que foi na nossa adoravel França que, pela primeira vez, uma mulher *prit en main le manche á balai du Voisin*.»

Sorrisos na assistencia. E o orador, querendo corrigir-se, explicou:

«Eu queria dizer que foi na nossa adoravel França que, pela primeira vez, uma mulher teve a coragem de *monter sur le Voisin*.»

Tableau!

Congresso de Farmacia



Um aspecto das especialidades farmaceuticas



O ultimo modelo de homem-orquestra

As férias sonhadas



—E pensar a gonte que havemos de estar aqui quinze dias contemplando isto...



O que se diz e o que se não deve dizer...

B A R I L

«Senhor redactor sportivo do Sempre Fixe:

Toda a gente faz torneios, inventa Taças, Bronzes, certamens, etc.

E porque não quero fazer má figura, resolvi organizar um monstruoso torneio de foot-ball, a que chamarei:—*Bem Achado Boleta Invisia Lusitano*, por iniciais **BARIL**—e no qual se disputará uma grande Taça *Luis de Camões*, oferecida pela *Lusitadas Desporto*.

Fiz circular. Mandei avisos. Falei com uns e com outros. Elaborei regulamentos. E já tenho a mesa cheia de pedidos de inscrição. Mas são tantos, que houve que estabelecer series, e para os devidos efeitos se comunica aos interessados o resultado do sorteio:

1.ª serie—Clubs astronomicos—*Estrela de Vendas Novas, União Estrela Sport, Unico Sport Estrela, Estrela Foot-ball Club, Estrela Azeitonense e Estrela de Aldegalga.*

Nesta serie foi tambem admitido o *Anjos Foot-ball Club*, por morar na mesma região.

Arbitrará estes jogos um dos professores do Observatorio D. Luis.

2.ª serie—Clubs algebricos—*Os Onze Amigos, Onze Negros, Onze Vouga, Onze Simões d'Esta, Onze Brancos de Coimbra, Treze de Santarem, Onze Beras e Onze Cruz de Cristo.*

Arbitro desta serie: o Comboio das Onze.

3.ª serie—Clubs Zoologicos—*Galitos de Aveiro, Aguias de Alpiarça, Leões da mesma procedencia, Leões de Santarem, Gatos Foot-ball Club de Serpa, Dragões de Almerim e Leões Invençiveis.*

Para arbitrar, fez-se um convite especial ao tratador do Jardim Zoologico.

4.ª serie—Clubs aquaticos—*O Tejo, O Lago, O Beira-Mar, Rio Seco e Sete-Rios.*

Arbitro: o senhor Chafariz de Dentro.

5.ª serie—Artes e letras—*Grupo Dramatico Sportivo, Artístico de Chaves, Sport Teatral de Lisboa, Escola Livre Foot-ball Club, Lusitadas Desporto e Recreativo da Pena.*

Estava convidado para arbitro o sr. Gramatica, mas temos informações de que morreu atropelado. Assunto a resolver.

6.ª serie—Clubs calendaricos—*31 de Janeiro, 1.º de Setembro, 1.º de Maio e 22 de Novembro.*

Foi convidado para arbitro o 29 de Fevereiro, que deve chegar em breve.

7.ª serie—Clubs tésos—*Gloria ou Morte F. C., Viriato e Sempre Fixe F. C.*

Arbitro: um individuo a indicar pelo Paz Julia, para não haver sarilho...

8.ª serie—Clubs topograficos—*Rua Nova Foot-ball Club, Campo de Santana, Santa Clara F. C., Matadouro,*

Casalinho, Vista Alegre, Carmo e Santa Marta.

Estes jogos serão arbitrados pelo distinto sportsman Roteiro da Cidade.

9.ª serie—Inclassificaveis—*Estrangeiros Excursionista, Santanenses, Imperial, Triangulo, Oriental, Ocidental e Triunfo.*

Deram a sua adesão, embora não vão no bote de jogar.

O *Bomfim*—provando os intuitos do organizador.

O *Bom Sucesso*—que escreveu, desejando que a coisa corra bem.

Os *Bairristas de Famalicão*—que garantem assistir nas bancadas para animar as artes. A comissão do torneio **BARIL** deu-lhes por companheiros o *Harmonia*, que tambem aderiu—e assim se garante a ordem.

Os *Auxiliadores* conjuvam os trabalhos. E o *Ideal Alegria* prevê que tudo corra sem tristezas.

O *Progresso de Braga* manifesta o desejo de que se não façam passagens para traz—e empresta o canudo para que os da *Boa Vista* vejam os jogos.

Prevendo mau tempo, os *Capuchos* ficam de reserva.

Os desafios são todos no *Universo*, resolvendo-se á ultima hora, em virtude da *A. F. L.* não ceder datas, que não joguem os clubs da 6.ª serie, a fim de haver, no menos, quatro dias disponiveis.

A colaboração do *Triunfo* garante o exito do torneio.

O jogo de inauguração será disputado pelo *Triangulo* contra uma selecção de *Gatos, Negros e Estrangeiros Excursionistas.*

A cerca da nacionalidade deste ultimo grupo, suscitaram-se duvidas. Mas verificou-se que eram todos *Lusitanos do Porto.*

Sem outro assunto, etc...

Julio de Araujo.

O DIA DA FAMILIA



Romanza sem palavras

UM SOCIO DA PROTECTORA



—Oh! Patife, malandro: Então tu estás a bater no gato?...

—... Pobre animal

—Grande selvagem imaginas que não fizeste doer o gato?...

Humorismo no estrangeiro



—Prendi um amigo meu e não o regato senão por cem torrões de açúcar.



—Estiveste muito tempo fóra?
—Ná. Apenas uns quinze dias. Nem tempo tive de sujar uma camisa.



O médico do carcere:—Não gosto nada do seu estado. Se não emprega banhos de sol e passeios, está perdido.



—Ora esta! Cala-te, pequena. Hoje não quero, que venho com minha mulher...



—Sabe-me dizer que horas são?
—Costumo parar aqui sempre às 5 e meia, mas como perdi a noite, deve ser domingo.



D. J. Vas

—Pois fique a vizinha sabendo: Ela é tão desavergonhada que até tomou um banho, como se acostuma a dizer, toda nua.

Cautela... e caldo de frangão



D. J. Vas

O Zé—Então nos meus sapatos não deixas nada?
O Pai Natal—Este ano, para não ter desgostos, só ponho presentes em botas de mentar.